

**“FORMAR BRASILEIROS DE CORPO E ALMA”
A LIGA “PRO LÍNGUA NACIONAL E A PRODUÇÃO DO NACIONALISMO NOS
GRUPOS ESCOLARES CATARINENSES (DÉCADAS DE 1940 e 1950)**

Prof.^ª Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive¹, Ana Luíza Zimmer Ribas Dias², Gabriela Kischner³, Bruna Loeser⁴; Graziela Peruch Pavei Rosso⁵, Maristela da Rosa⁶, Cristiane de Castro Ramos Abud⁷, Maria Fernanda Batista Faraco Werneck de Paula⁸.

¹ Orientador, Departamento de Pedagogia e PPGE- FAED – gladysteive@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Pedagogia FAED - bolsista PROBIC

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia FAED - bolsista PROBIC

⁴ Acadêmica do Curso de Pedagogia FAED - bolsista PROBIC

⁵ Doutoranda – PPGE/FAED

⁶ Doutoranda - PPGE/FAED

⁷ Doutoranda - PPGE/FAED

⁸ Mestranda - PPGE/FAED

Palavras-chave: Associações Escolares. Escola Nova. Liga Pró-Língua Nacional. Grupos Escolares.

Este artigo é fruto de minha participação na pesquisa “Grupos Escolares: entre a Pedagogia Moderna e a Escola Nova (1946-1971)”, coordenada pela Professora Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive. Esta pesquisa teve início no ano de 2011 e foi concluída em 31 de julho de 2015. Minha participação no referido projeto deu-se no período de 01 de agosto de 2014 e 31 de julho de 2015, último ano da pesquisa. Nesse momento, as atenções do grupo estavam voltadas para as chamadas “Associações Auxiliares da Escola”, uma das invenções do movimento escolanovista com vistas a transformar a escola em laboratório para a vida. Os chamados pioneiros da Escola Nova brasileira, fortemente influenciados pelas ideias do norte-americano John Dewey, defendiam que a escola não poderia ter apenas como finalidade o desenvolvimento individual do aluno, devendo transformar-se num centro de vida comunitária ativa, numa sociedade em miniatura. Nesse sentido, postulavam que o trabalho isolado de cada aluno, tal como acontecia na pedagogia tradicional, deveria ser substituído por situações de atividade conjunta de grupos, comissões, equipes e pelotões. Estas situações foram materializadas nas chamadas “Associações Auxiliares da Escola”, as quais deveriam ser presididas pelos próprios alunos sob a orientação dos professores. Em sintonia com tais pressupostos, os técnicos do Departamento de Educação do Estado de Santa Catarina estimularam, a partir dos anos 1930, a implantação dessas associações nos grupos escolares, tornando-as obrigatórias na década de 1940. Dentre as 10 associações propostas no Decreto n.2.991, de 28 de abril de 1944, escolhi a “Liga Pró Língua Nacional”, haja vista a centralidade que o tema do nacionalismo teve no país e no currículo dos grupos escolares nesse período. Meu estudo objetivou verificar o quanto o encaminhamento dado a esta associação pelos grupos escolares esteve em sintonia com as prescrições, sobretudo no que diz respeito a participação ativa dos alunos na sua organização e funcionamento, tal como apregoava o Departamento de Educação. As fontes documentais privilegiadas nesta análise foram 69 relatórios desta associação enviados entre 1942 e 1959 ao Departamento de Educação pelos diretores dos grupos escolares, os quais foram encontrados no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Os dados destes relatórios - textos escritos e iconográficos - foram analisados em

interface com as orientações enviadas pelo Departamento de Educação às escolas, tal como circulares e regulamentos, nas décadas de 1930 e 1940 e com bibliografias referentes a escolarização do nacionalismo. A análise dos relatórios da Liga Pró-Língua Nacional possibilitou-me confirmar a importância que o nacionalismo tomou nas décadas de 1940 e 1950 no currículo da escola primária catarinense. As incontáveis festas e comemorações de cunho cívico-patriótico que cabia a esta associação organizar, demonstram o lugar estratégico que tal questão teve no cenário escolar. Todavia, à luz das circulares e decretos analisados, pude perceber que o tão apregoado princípio da atividade da criança, ou seja, a advertência de que eram os alunos e não os professores que deveriam planejar e executar as atividades e redigir o relatório da Associação, pouco funcionou. Assim, constatei que a grande maioria dos relatórios foi escrito e teve suas ilustrações feitas pelas mãos das mestras e não das crianças, o que contrariava brutalmente a ideia escolanovista da atividade da criança.